



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**JONNY FERREIRA FREITAS**

**FUNK OSTENTAÇÃO, MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E  
HIPERSEXUALIZAÇÃO**

**Redenção-CE**

**2018**

**JONNY FERREIRA FREITAS**

**FUNK OSTENTAÇÃO, MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E  
HIPERSEXUALIZAÇÃO**

Projeto de Pesquisa apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade (UNILAB)

---

Prof. Dr. Leandro de Proença-Lopes (UNILAB)

---

Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Junior (UNILAB)

**Redenção (CE)  
2018**

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO.....</b> | <b>03</b> |
| <b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>                        | <b>05</b> |
| <b>3. OBJETIVOS.....</b>                            | <b>05</b> |
| <b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                | <b>06</b> |
| <b>4. METODOLOGIA.....</b>                          | <b>11</b> |
| <b>5. CRONOGRAMA.....</b>                           | <b>13</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>           | <b>13</b> |

## 1. APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A ascensão dos meios de comunicação contribuiu para a difusão de padrões de comportamento/ação, bem como a crescente conexão entre grupos sociais e culturas distintas entre si. Novas interações socioculturais são, nesse sentido, constantes. Produtos antes restritos a público exclusivo, são agora vinculados em *torrents*, plataformas audiovisuais e páginas da *web*, passíveis de acesso por um simples toque. Plataformas audiovisuais, como o *youtube*, transportam informação ao público, em uma grande parcela sem vínculo com um pensamento crítico, difundindo, portanto, mentalidades excludentes, como o machismo, a homofobia e o discurso de ódio para com setores minoritários na sociedade. O *funk* brasileiro encontra espaço privilegiado de divulgação nessas plataformas. No Brasil, o *funk* está presente (principalmente o novo estilo, o *funk ostentação*) no cotidiano das pessoas, dentro de suas casas, nos sons que ecoam livremente nos *smartphones*, nos carros, nos coletivos e nos mais diversos âmbitos da vida.

Com as interações socioculturais favorecidas pelo universo digital/virtual, formas de dominação, como o machismo, passam a ser cada vez mais difundidas. Em outras palavras, em uma sociedade dogmática e conservadora como a brasileira, a dominação masculina se difunde em múltiplos planos da existência, no plano religioso, político, cultural e assim por diante. A música constitui grande forma de expressão social. De um modo mais geral, a arte constitui expressão “coletivamente subjetiva” do cotidiano e do âmbito social no interior do qual o artista está incorporado e situado (a realidade social do artista é, digamos assim, refletida na música). O músico paulista MC Lan, representante da vertente do *funk ostentação*, pode ser considerado um disseminador da dominação masculina por meio da sua produção artística. Nos *clipes* desse artista, encontramos corpos hipersexualizados e objetificados, sempre à disposição masculina, artigos de luxo e consumo excessivo de drogas, quer sejam lícitas ou ilícitas. As formas de dominação masculina incluídas nesses conteúdos podem, *possuem poder para*, influenciar pessoas reais no mundo. Há, por essa razão, necessidade de investigação acerca de como corpos femininos ou afeminados constituem alvo de dominação/possessão deliberada de sujeitos que desenvolvem um padrão de masculinidade hegemônica, masculinidade essa que também subjugará outras, as classificadas como fragilizadas. Em uma sociedade em que a cultura do estupro/possessão dos corpos femininos está presente, a defesa, ainda que artística, de uma masculinidade brutal e amedrontadora constitui afronta às lutas e pautas feministas, da comunidade LGBTQ+ e dos homens antissexistas. Devemos compreender que as desigualdades sociais não estão apenas ligadas à raça/classe, mas, também, ao gênero, gênero esse que sofre

sansões por parte do *status quo*, dominados por homens de masculinidade hegemônica. À luz do exposto, objetivamos, no presente projeto de pesquisa, investigar a construção do discurso reprodutor da masculinidade hegemônica nas letras do funkeiro MC Lan.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Com o crescente aumento do fluxo de informação e das novas tecnologias digitais (a realidade do ciberespaço), a dominação masculina (e/ou masculinidade hegemônica) encontra novos contextos para garantir sua expressão e, por conseguinte, a manutenção do seu lugar hegemônico na sociedade. O avanço tecnológico oferece acesso contínuo à informação, apenas por intermédio de um simples toque. Nesse sentido, e em outras palavras, em qualquer lugar do globo, temos acesso às mais diversas mídias sociais (*youtube, facebook, instagram* e assim por diante). Antigas modalidades de dominação passam, por assim dizer, a usar novas roupagens (tecnológicas/virtuais), aproveitando o ciberespaço (as mídias/redes sociais) como terreno para propagação de seu *ethos* (ou modo de ser) excludente (machista/dominante).

Como sabemos, a música contribui decisivamente para formação sociocultural das pessoas, nas mais diversas idades. Hoje, as plataformas de compartilhamento de vídeos, como o *youtube*, constituem a modalidade mais rápida de acesso aos conteúdos audiovisuais, como as músicas e seus vídeos. Nessas plataformas, conteúdos audiovisuais (os mais diversos) podem ser acessados com facilidade, mesmo com a restrição de idade. Nossa hipótese inicial (a ser investigada no transcurso da pesquisa) é que o *funk*, como um ritmo amplamente difundido em todo território nacional (brasileiro), além de idolatrado por crianças, jovens e adolescentes, afeta diretamente as relações sociais e culturais, favorecendo, entre muitas outras coisas, a proliferação/expressão da masculinidade dominante. Em uma sociedade como brasileira, há um crescente discurso conservador, bem como altos índices de violência contra mulheres e comunidade LGBTQ+. É necessário, nesse sentido, uma investigação acerca da masculinidade hegemônica. Optamos por investigar tal modalidade de masculinidade e sua gênese no *funk* do artista MC Lan.

## **3.OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Investigar a construção do discurso reprodutor da masculinidade hegemônica nas letras do funkeiro MC Lan.

### **Objetivos específicos**

- A) Abordar o fenômeno da objetificação do corpo feminino ou afeminado nas letras do funkeiro MC Lan.
- B) Abordar o fenômeno da hipersexualização por intermédio da exaltação do corpo feminino ou afeminado e da potencialidade sexual masculina nas letras do funkeiro MC Lan.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na década de sessenta, nos Estados Unidos, surgia um movimento cultural que valorizava negros e afrodescendentes. Esse movimento seria denominado *Black is beautiful*. Dentro do movimento, várias vertentes se desenvolveram, seja no âmbito social, político ou cultural e, em uma dessas vertentes, nascia o propulsor do *funk* brasileiro, o *soul music*. Derivado do *jazz*, *rythm and blues* e do *soul*, estilos musicais norte-americanos, o novo ritmo tomava moldes, o *funk*. Seu criador é nomeado como grande padrinho do *soul*, o eterno James Brown. Nas palavras de Medeiros (2006):

Brown é apontado como inventor do *funk*, graças à sua mudança rítmica de 2:4 para 1:3. Ousadia enorme em tempos de segregação racial nos Estados Unidos, levando-se em consideração que se tratava de um negro acrescentando uma base geralmente associada à música dos brancos em pleno ritmo tipicamente negro (MEDEIROS, 2006, p. 14).

O termo *funk* sempre esteve associado à sensualidade e à hipersexualização dos corpos, como podemos observar no seguinte trecho do mesmo autor:

Para entender que ritmo é esse, é preciso investigar suas origens nos Estados Unidos. A começar pelo nome. O termo “*funk*” sempre foi associado ao sexo e ao batidão – mesmo lá. Tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais. E significava dar uma apimentada à base musical, como acrescentar *riffs* (frases musicais repetidas) ao som de uma pancada mais rápida (MEDEIROS, 2006, p. 14)

No Brasil, o *funk* chegou ao Rio de Janeiro na década de setenta, através dos grandes bailes da pesada, que aconteciam no canecão. Os repertórios executados variavam entre *rock progressivo* e *soul music*. Dois nomes foram fundamentais para construção dessas festas, os legendários *Djs* Ademir Lopes e *Big boy*. Após sanções impostas pelo governo militar brasileiro, com a acusação de perturbação à ordem pública, os bailes foram deslocados para as comunidades. Com a criação das equipes, o estilo foi ganhando nova roupagem. Apesar da conotação política e da valorização da cultura negra, através da roupa, do pensar e dançar que o *funk* expressava nesses primeiros momentos, o movimento musical foi progressivamente migrando para algo de natureza lúdica, perdendo um pouco dessa aura mais política (exaltação dos valores ligados à negritude).

Nesse contexto, a próxima transformação direcionava o *funk* à sua nacionalização, a introdução do *maimibass*. Nas palavras de Medeiros: “E no meio disso, chegou por essas bandas

o *miamibass* – estilo *dance* americano, cujas letras eram repletas de palavrões e puro sexo.” (MEDEIROS, 2006, p. 14). Apesar da não compreensão por grande parte da população, as músicas eram transformadas em paródias e executadas durante os bailes, que passaram a não mais ser chamados de bailes da pesada, mas, sim, *baile funk*. A nacionalização do *funk* deve ser atribuída à Fernando Luís Mattos da Matta, o Dj Marlboro. O *funk* brasileiro foi produzido, antes de mais nada, à luz de interações interculturais. Atualmente, contudo, o crédito do estilo é equivocadamente atribuído unicamente aos brasileiros. Após a nacionalização, o *funk* foi se desdobrando em diversas vertentes, como o *proibidão*, *funk melodie* e *batidão*. Importante destacar que o estilo de *funk* a ser analisado no presente trabalho não é oriundo das vertentes cariocas. O *funk ostentação* surgiu em São Paulo no ano 2000. Seus principais temas constituem a ostentação de riquezas e também como o poder pode comprar influência, aceitação social e mulheres. Os *clipes funk ostentação* sempre mostram uma realidade alternativa à periferia, como muitos carros, lanchas e mulheres com padrão de beleza aceito pela mídia. O estilo paulista (*funk ostentação*) apresenta grande similaridade com o *batidão*, no âmbito do qual a hipersexualização está sempre presente, como nas músicas do MC Catra ou MC Valesca Popozuda. A seguinte citação demonstra como a resistência da produção do *funk* em São Paulo perdurou por algumas décadas.

No Brasil, o *hip-hop* chegou durante os anos 1980, nas periferias do Rio e de São Paulo. Era o ritmo que mais animava as festas *blacks* paulistanas, que logo incorporaram o *break* e o *grafite*. Elementos que surgiram associados ao movimento e estavam em alta nos Estados Unidos naquele tempo. *Funk* e *hip-hop* viviam harmonicamente até 1989, quando houve a onda de nacionalização funkeira promovida pelo Dj Marlboro. As letras eschachadas e irreverentes dos MCs cariocas se distanciaram do engajamento crescente dos *rappers* de São Paulo – que passaram a incluir reivindicações do movimento negro em seu discurso. Aí começou a dicotomia entre *funk* e *hip-hop* (MEDEIROS, 2006, p. 44-45).

O *funk* sempre estabeleceu contato com as dinâmicas sociais dos corpos, seja por meio da performance dos dançarinos e das dançarinas, seja pela forma de se vestir e/ou por meio dos discursos de *hipersexualização feminina*, por algumas vertentes. Com o objetivo geral de investigar como as letras do funkeiro MC Lan expressam, defendem e proliferam à *dominação masculina* pela *hipersexualização feminina*, virilidade e *masculinidade hegemônica*, devemos observar como o corpo é pensado/concebido no espaço/tempo, até os dias atuais. Devemos, em especial, observar como os corpos expressam significados imbuídos de características e peculiaridades, transformando-se em verdadeiros campos de lutas simbólicas e políticas. Observarmos essas lutas na busca dos direitos reprodutivos das mulheres, nas transformações dos corpos das pessoas *trans* e da liberdade sexual feminina, lutas essas que se tornaram mais intensas e visíveis a partir da década de 80. Podemos, por um lado, conceber à luz de uma

perspectiva biológica, o corpo como organismo, que segue padrões pré-estabelecidos pela natureza (inscritos no código genético). Há, contudo, uma outra perspectiva, mais sociológica/antropológica, que aborda não apenas à constituição biológica, mas, antes, e de modo mais amplo, os fenômenos sociais que giram em torno do corpo no âmbito das mais diversas sociedades. Nas palavras de Cavalcanti:

Curioso é perceber que o corpo em si é universal, todos os animais possuem uma entidade orgânica que os caracterizam. Mas a percepção ou interpretação do que seja o corpo é bem subjetiva ou individual e com respostas bem localizadas culturalmente (CAVALCANTI, 2005, p. 53).

Assim sendo, o corpo, para além da dimensão meramente biológica, possui uma dimensão essencialmente social e sua exploração/manipulação ainda constitui “tabu” em diversas sociedades. No Brasil, a tendência à conceber exploração/manipulação do corpo como alguma coisa “culturalmente reprovável” constitui um fenômeno social expressivo/intenso, uma vez que encontramos, na sociedade brasileira, grande parcela da população de orientação majoritariamente cristã, além do fenômeno da ascensão dos discursos conservadores, bem como o aumento das igrejas neopentecostais, que excluem a percepção do autoconhecimento do corpo, tornando-o cada vez mais inacessível e adquirindo uma dimensão de sacralidade. Exemplos dessa tendência à conceber exploração/manipulação do corpo como alguma coisa “culturalmente reprovável” podem ser encontrados nas pautas discutidas pela bancada evangélica no congresso nacional, como a sua política contrária ao aborto, excluindo a participação feminina na construção do processo ou pela percepção errônea ou mesmo a distorção do discurso da comunidade LGBTQ+ no que diz respeito à violência sofrida pelos seus membros. Percebemos que a construção social do corpo é perpassada por influências de diversos setores da sociedade, que moldam as percepções históricas de sua produção. De acordo com Louro (2008):

Conselhos e palavras de ordem interpelam-nos constantemente, ensinamos sobre saúde, comportamento, religião, amor, dizem-nos o que preferir e o que recusar, ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e viver. Algumas orientações provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como a da medicina ou da ciência, da família, da justiça ou da religião. Outras parecem “surgir” dos novos espaços ou ali ecoar (LOURO, 2008, p. 19).

O corpo passa por diversas fases até a sua configuração contemporânea, no âmbito da qual o corpo parece ser objetificado e comercializado com maior intensidade pelo sistema capitalista, sejam pelos meios midiáticos, que utilizam o apelo sexual como modalidade de atração (revistas, *sites*, novelas, *reality shows*, etc.), conteúdos pornográficos e/ou intervenções cirúrgicas capazes de transformar os corpos. Nas palavras de Cavalcanti (2005):

Toda a concepção de corpo da Idade Média muda com a ascensão do capitalismo e as consequentes necessidades que os novos valores (espírito de uma época) revelam. Após a Idade Média, o corpo é dessacralizado, ou seja, já não é mais algo proibido de se manipular. Com a ascensão de uma ciência positiva separada de valores religiosos e do espaço da moralidade, o corpo passa a ser objeto de estudo de algumas ciências, principalmente a medicina, que dá um salto muito grande em matéria de conhecimento sobre o corpo a partir do momento em que os estudos de anatomia foram sendo ampliados, como consequência dessa dessacralização, um movimento para dentro do corpo se inicia no sentido de que ele passa a ser objeto e, como tal, passível de estudos e intervenções que possibilitaram a produção, compilação e a posterior aplicação de um maior conhecimento sobre si (CAVALCANTI, 2005, p. 54).

As intervenções cirúrgicas tomam uma conotação importante nessa construção dos novos corpos (corpos, por assim dizer, híbridos, fruto da aplicação do conhecimento científico, expressando uma cada vez mais harmoniosa fusão da ordem biológica com a ordem artificial (medicamentos, implantes, próteses, cirurgias plásticas, mudança de sexo e assim por diante). A livre mudança corporal desestabiliza, nesse sentido, o corpo sacralizado e, por essa mesma razão, abre espaço para a criação de uma perspectiva inaudita de *produção social do corpo*, transformando, em maior ou menor grau, o ser humano em máquina. É o que transparece no seguinte fragmento de Louro (2008):

Em poucos anos, tornaram-se possíveis novas tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, além de instigantes articulações corpo-máquina. Desestabilizaram antigas e sólidas certezas, subverteram-se as formas de gerar, nascer, de crescer, de amar ou de morrer (LOURO, 2008, p. 19).

Mesmo com as alterações que o corpo pode sofrer, a posição social do corpo masculino, da hegemonia masculina, não parece, contudo, passar por transformação (as transformações são, digamos assim, de natureza biológica e não, portanto, social). Nesse sentido, a construção da hegemonia masculina segue dependendo da autoafirmação e da negação do outro, tal como afirma Albuquerque Junior (2010):

Talvez possamos encontrar esta verdade do macho observando o seu corpo. Corpo que não deve deixar escapar nenhum gesto, nenhuma atitude, nenhum traço que possa ser definido como feminino. Um corpo retesado, em permanente estado de tensão, corpo sempre com músculos definidos e em alerta, nenhum relaxamento, nenhuma lassidão. Nenhuma delicadeza, corpo rústico, rude, quase em estado de natureza, recendendo a suor e testosterona, viril, másculo. Corpo onde se ressaltam pelos, músculos, que transpareçam força e potência. [...] numa sociedade que tem como um de seus traços marcantes o de ser pensada no masculino e para o masculino. Por isso, sabermos como se pensa o masculino, como esse se define é fundamental para entendermos a própria sociedade deste tempo e deste espaço em que vivemos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 35-36).

A afirmação do corpo masculino e das masculinidades hegemônicas se desenvolvem por meio das relações sociais e da necessidade de domínio sobre os corpos femininos ou afeminados. Estão baseadas na capacidade de dominação do gênero, exercida pelo controle das formas de reprodução sexual e pela diferenciação dos corpos. Tudo aquilo que se caracteriza

fora dos padrões da masculinidade parece ser estigmatizado e subjugado. Nesse sentido, de acordo com Connel:

Falar da posição dos homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos – uma vez que “homens” significam pessoas adultas com corpos masculinos[...] Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar e assim por diante (CONNEL, 1995, p.188-189).

A relação sexual possui função fundamental na manutenção do *status quo* masculino perante os corpos femininos ou afeminados. Ela categoriza e mostra aos dominados as posições nas quais eles se encontram no âmbito das próprias relações sociais. Bourdieu (2012) assim descreve as relações sexuais:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 2012, p. 31).

Além da relação sexual como fator de dominação, as masculinidades são difundidas e diferem umas das outras, dependendo dos contextos em que são produzidas. O controle dos corpos exerce papel fundamental nessa concepção de masculinidade. Nesse sentido, nem todos os homens irão exercer uma masculinidade hegemônica. O autor Welzer-Lang (2001), no artigo intitulado *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*, lança a ideia dos “grandes homens”, aqueles que se sobrepõem tanto aos homens quanto às mulheres, homens dotados de poder de controle social.

O masculino, as relações entre homens são estruturadas na imagem hierarquizada das relações homens/mulheres. Aqueles que não podem provar que “têm” são ameaçados de serem desclassificados e considerados como os dominados, como as mulheres. [...] nem todos os homens têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios. Alguns, que eu qualifico de “Grandes-homens”, têm privilégios que se exercem à custa das mulheres (como todos os homens) mas também à custa dos homens (WELZER-LANG, 2001, p. 465-466).

A nossa hipótese provisória de trabalho, a ser investigada no transcurso da pesquisa proposta pelo presente projeto, é que a *masculinidade hegemônica* expressa nos trabalhos de MC Lan está essencialmente enraizada na *dominação do corpo feminino pela hipersexualização, discurso misógino* e no *livre acesso do corpo das mulheres nas músicas*. As percepções dos corpos femininos embutidas nas músicas do funkeiro migram e, ao mesmo tempo, constituem expressão do imaginário cultural. Assim, nos seus *clipes*, a posse dos corpos está inteiramente ligada ao domínio e disposição deliberada, sem o consentimento da mulher,

do corpo feminino objetificado. O que não deixa de constituir e fortalecer o imaginário de, senão uma posse efetivamente real, ao menos fictícia. De acordo com Bourdieu (2005):

Do mesmo modo, o assédio sexual nem sempre tem por fim exclusivamente a posse sexual que ele parece perseguir: o que acontece é que ele visa, como a posse, a nada mais que a simples afirmação da dominação em estado puro (BOURDIEU, 2005, p. 30-31).

Nesse sentido, nossa hipótese é que uma apologia à posse do corpo feminino, sem o consentimento da mulher, pode ser encontrada no refrão da música fila indiana de MC Lan: “*Cê sabe que o mundo gira, a fila anda, então cospe pra cima pra não cair na xereca, hein, novinha, tudo que vai volta, taca a bunda que eu taco a piroca*”. O mesmo vale para a música *Ê Xuliana*: “Eu quero ver se tu é piranha. Eu quero ver se tu é piranha. Vai mamar o Bruninho beats, fumando maconha”. Dentro de uma sociedade machista, patriarcal e misógina, o consentimento feminino não parece constituir prerrogativa necessária a uma relação sexual e as mais diversas modalidades de violência contra a mulher estão presentes nas letras do MC Lan, letras à serviço, como parece estar claro, da *manutenção da masculinidade hegemônica*. Eis o que afirma, nesse sentido, Connel (1995):

Falar de prática significa enfatizar que a ação tem uma racionalidade e um significado histórico. Isso não significa dizer que a prática é necessariamente racional. Não pensaríamos no estupro, no assédio sexual ou mesmo no espancamento de mulheres como atos “racionais”; mas a violência sexual tampouco é uma explosão insensata de raiva interna. Como a pesquisa feminista tem mostrado, a violência sexual é uma ação competente; ela é, em geral, propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina (CONNEL, 1995, p. 188).

A *masculinidade hegemônica*, amplamente presente no trabalho do funkeiro MC Lan, conta com amplo alcance e aceitação pelos seus espectadores, o que, por conseguinte, o coloca como figura pública dotada de poder para “formar opinião”. Podemos observar, nos cliques do funkeiro no *youtube* (um dos seus principais meios de divulgação), elevado número de visualizações, chegando a quase 220 milhões (para a música *Rabetão*). Podemos, também, observar que o discurso de dominação do corpo feminino por meio da hipersexualidade (e a apologia a uma masculinidade dominante) está também presente nos comentários dos *internautas* (no público do artista), tanto por parte dos homens como (talvez surpreendentemente) por parte das próprias mulheres.

Em uma sociedade no interior da qual os crescentes discursos misóginos, de dominação feminina por meio, em especial, da manutenção do poder das masculinidades disseminadas pelos setores mais conservadores, a apologia e desenvolvimento de uma masculinidade feroz e repressiva, como as apresentadas por MC Lan, transportam consequências indesejáveis (excludentes, desrespeitosas) para a luta em favor dos direitos femininos e das masculinidades subjugadas. Esses discursos produzem (e/ou reproduzem), cada vez mais, homens violentos,

vinculados ao discurso biológico de dominação masculina. Daí, como argumenta Connel (1995), “[...] a ênfase no trabalho de prevenção com homens violentos, para que eles assumam a responsabilidade por suas ações” (CONNEL, 1995, p.188). Esses homens violentos e essas masculinidades hegemônicas devem ser estudadas e contestadas, face ao crescente índice real de violência contra a comunidade LGBTQ+ e as mulheres no âmbito da sociedade brasileira.

## **5. METODOLOGIA**

O presente projeto de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, no âmbito do *Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU)*, do *Instituto de Humanidades e Letras (IHL)*, da *Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)*, assumirá, do ponto de vista metodológico, abordagem crítica e ensaística, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de *masculinidade hegemônica*, *dominação feminina*, *hipersexualização* e *objetificação do corpo feminino*. A natureza da pesquisa é, também, além de crítica e conceitual, *qualitativa*, na medida em que analisará a produção musical do funkeiro MC Lan, representante da vertente *funk ostentação*, bem como investigará o posicionamento do seu (de MC Lan) público, em especial o feminino, em relação ao trabalho do artista. O objetivo geral do trabalho é, nesse sentido, investigar a construção do discurso reprodutor da masculinidade hegemônica nas letras do funkeiro MC Lan, visando também identificar, no âmbito social, as consequências desse discurso para o ideal de construção de uma sociedade ausente de machismo e de outras modalidades de preconceito e exclusão.

## 6. CRONOGRAMA

| Atividade  | Julho | Agosto | Setembro | Outubro | Novembro |
|--|-------|--------|----------|---------|----------|
| Revisão da Bibliográfica                               | X     | X      | X        | X       |          |
| Coleta dos Dados                                       |       | X      |          |         |          |
| Interpretação dos Dados                                |       | X      |          |         |          |
| Escritura do texto referente à Interpretação dos Dados |       |        | X        |         |          |
| Escritura do Trabalho de Conclusão de Curso            |       |        |          | X       |          |
| Divulgação dos resultados                              |       |        |          |         | X        |

## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.460-482.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MEDEIROS, J. *Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo e prazer*. 1. Ed. São Paulo: Terceiro nome, 2006.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças*. In: SIMILI, I. G. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Maringá: Eduem, 2011. p. 35-46.